

# **A voluptuosidade do excesso: Corpo e erotismo em Georges Bataill.**

Bárbara de Barros Fonseca.

Cita:

Bárbara de Barros Fonseca (2019). *A voluptuosidade do excesso: Corpo e erotismo em Georges Bataill*. XXXII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. Asociación Latinoamericana de Sociología, Lima.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-030/2604>



## **A voluptuosidade do excesso: Corpo e erotismo em Georges Bataill.**

Bárbara de Barros Fonseca

### **Resumo**

Essa comunicação parte de um estudo teórico sobre o conceito de erotismo, delineado principalmente na obra de Georges Bataille, que nos fornece uma concepção de corpo que dialoga de maneira ímpar com a questão do desejo e da violência. Nosso objetivo é pensar como se constitui o corpo em sua obra a partir da dinâmica de dois termos: o erotismo e a morte. Tal relação antitética é expressa com a asserção de que “do erotismo, é possível dizer que é a aprovação da vida até na morte.” (Bataille, 2013, p. 35). Essa relação institui o corpo permeado pelo excesso – a instância ontológica por excelência –, no qual ele é sempre aviltado pela violência da natureza, que suscita tanto um fascínio como um temor no indivíduo. Colocando o corpo na centralidade dessa tensão, Bataille nos propicia uma compreensão do corpo atravessado tanto pela continuidade – uma busca nostálgica primordial – como pela descontinuidade – na qual o corpo está inserido na estrutura individual –, tendo na corporeidade um signo do excesso. Com o trabalho exegético de leitura, chegamos na concepção de que é no erotismo que atingimos o íntimo da existência, onde o corpo é desvelado e demonstra seu parentesco íntimo com a violência arrebatadora da natureza. Bataille nos aponta à conclusão de que nesse movimento convulsivo – tanto do gozo como da morte –, o corpo enquanto estrutura do ser fechado e descontínuo é aberto ao excesso da continuidade, entrevedo a dupla ordem de sedução – a corporeidade entendida entre o ideal e o abjeto.

### **Palavras chave**

Erotismo; Excesso; Bataille; Corpo; Abjeto.

### **Introdução**

Partindo da obra de Georges Bataille, pretendemos, a partir de uma análise hermenêutica de seus textos, entender a construção da ideia de corpo em sua obra, e como a noção de corporeidade vai se relacionar com toda uma construção ontológica que é pautada no excesso.



Assim, Bataille introduz uma noção de corpo que se distancia da noção moderna de corporeidade ao dar uma importância a sua própria dissolução, e balizar sua construção entre o interdito e a transgressão, o prazer e o asco, o ideal e o abjeto.

Temos por objetivo demonstrar a importância teórica da reflexão sobre a obra de Bataille no que diz respeito tanto a uma ontologia que quebra com o dualismo em que o corpo é visto em detrimento da alma, como nos abre uma ampla margem de análise para manifestações em que os corpos subvertem e não são reféns da pura racionalidade.

### **Desenvolvimento**

Agradeço a Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal e o Governo do Distrito Federal pelo apoio dado para a apresentação desse trabalho e participação no presente evento.

Georges Bataille é comumente conhecido por sua publicação literária “provocante” e “erótica”, que assusta muitos leitores de primeira viagem. Ele incorpora em seus textos as vicissitudes do corpo e da alma, abordando de maneira ímpar a sexualidade humana. Na “História do Olho”, sua obra mais famosa, ele nos apresenta essa temática da relação íntima entre o erotismo e a morte, aproximando os fluídos humanos ao leite, ao globo ocular, ao cu e à tauromaquia, o que ao mesmo tempo nos causa ojeriza e um estranho prazer. Nessa obra, em que ele assume um pseudônimo para a publicação, já começa a se construir uma relação entre o cosmos, o sujeito e sua própria dissolução.

Essa dupla antitética – prazer e horror – vai ser crucial para a formulação filosófica de Bataille. Ele desenvolve toda uma construção da corporeidade a partir daí, e isso incide numa densa formulação ontológica pautada no excesso. Na esteira de autores como Marquês de Sade – que ainda causa arrepios com seus relatos em “120 dias de Sodoma” –, Bataille ultrapassa o caráter estético em suas obras ao afirmar que o excesso é uma espécie de fundamento do Ser. Por ser excessivo, não poderia ser um fundamento, pois excede a si mesmo. Assim, ele cunha a noção de que o ser é excesso do ser, acesso ao impossível (Bataille, 2013).

A centralidade do excesso em sua obra é fulcral, pois dela parte toda sua análise estética, sua compreensão da natureza, do sujeito, das organizações sociais, etc. Tanto que no fim de sua vida ele se concentrou num projeto de grandes proporções – a tentativa de ler a história da economia no cosmos a partir do excesso, conhecida como a economia geral, que é abordada na obra “A Parte Maldita”.



Outros dois conceitos importantes para entendermos o significado do excesso e de sua relação com a corporeidade são o informe e a continuidade. A ideia de informe surge na revista Documents, na parte do Dicionário Crítico, obra em que ele, conjuntamente a outros autores, trazem verbetes com significados “deturpados” em relação aos dicionários convencionais.

*No verbete do informe, ele nos diz um dicionário começaria a partir do momento em que não desse mais o sentido, mas as tarefas das palavras. Assim, informe não é apenas um adjetivo que tem este ou aquele sentido, mas um termo que serve para desclassificar, exigindo que geralmente cada coisa tenha sua forma. O que ele designa não tem seus direitos em sentido algum e se faz esmagar em toda parte como uma aranha ou uma minhoca. Seria preciso, de fato, para que os homens acadêmicos ficassem contentes, que o universo tomasse forma. A filosofia inteira não tem outra meta: trata-se de dar um redingote ao que é, um redingote matemático. Em contrapartida, afirmar que o universo não se assemelha a nada e é apenas informe equivale a dizer que o universo é algo como uma aranha ou um escarro. (Bataille, 2018, p. 108).*

A partir dessa noção de informe, abrimos um caminho crítico em relação à construção da modernidade, que entendia o sujeito não só como capaz de entender e matematizar todo o universo, mas também de ter o conhecimento de si mesmo. Com a irrupção do informe, e com ele do excesso, operamos uma quebra com a centralidade da razão, dissolvendo a milenar dicotomia psicofísica com o excesso que tudo avassala e que não podemos dominar.

O arrebatamento do excesso é muito bem descrito por Bataille nos mais diversos âmbitos ao longo de seu livro “O Erotismo”. Ele inicia com a hipótese de que a formação do corpo social se dá a partir da dinâmica entre interdito e transgressão. Falando de maneira sucinta, enquanto os interditos servem para preservar tanto os indivíduos como a perpetuação da espécie (interdito da morte, da livre atividade sexual e do trabalho), a transgressão seria o lugar em que o excesso encontra sua vazão.

A transgressão é a entrada privilegiada para o mundo sagrado, que é aquilo que permanece além dos limites do campo do trabalho e é o contrário deste, visto que é a face da natureza que se mostra irreduzível a qualquer dominação proveniente do trabalho. O mundo sagrado é a morada da continuidade, conseqüentemente o lugar da festa, em que a medida do tempo é o instante e o excesso, a imanência e a soberania governam.



Festas, atividades ritualísticas, o sagrado, o sacrifício e a própria atividade sexual só poderiam ser alcançados então através da suspensão momentânea dos interditos, pois são a vazão do excesso – e também porta de entrada para o sagrado. Eles são uma vazão do excesso porque ele é constituinte tanto da natureza como dos seres humanos. Aqui não temos uma separação entre natureza e cultura, porque ambas são balizadas pelo excesso. Logo, o ser humano precisa se resguardar do excesso para não ser destruído pela violência orgânica da natureza, mas precisa ter um instante de conexão com ele, pois é cerne do seu ser.

Com isso chegamos ao conceito da continuidade. Bataille entende que os sujeitos são seres descontínuos, por serem separados da profusão orgânica encontrada na continuidade. Já a continuidade se constitui como um perigo em relação aos indivíduos que querem permanecer na ordem das coisas, visto que ela ameaça a permanência das discontinuidades e, contudo, ao mesmo tempo, as seduz para uma espécie de retorno ao excesso primordial. Com esta ambivalência, temos um exemplo claro da temática das duas ordens de sedução (relação entre desejo e horror): como uma coisa que pode aniquilar nossa figura humana, nossa individualidade, pode ser, ao mesmo tempo, arrebatadora?

É por isso que a dinâmica entre interdito e transgressão aparece para nós como indispensável, pois ela é a responsável pela relação de flerte com a continuidade, ao mesmo tempo em que preserva – na ordem do interdito – a discontinuidade humana no trabalho e no âmbito das coisas.

*Os homens são submetidos ao mesmo tempo a dois movimentos: de terror, que rejeita, e de atração que impõe o respeito fascinado. O interdito e a transgressão correspondem a esses dois movimentos contraditórios: o interdito rejeita, mas a fascinação introduz a transgressão. (...) o divino é o aspecto fascinante do interdito: é o interdito transfigurado. (Bataille, 2013, p. 92)*

A partir dessas relações, se delinea mais facilmente a importância do erotismo para Bataille. Ao mesmo tempo que sinaliza a vida, a reprodução e a continuidade da espécie, a atividade sexual é um dos momentos mais propícios de contato com o excesso. Ela promove, no momento do gozo – não coincidentemente conhecido como *petite mort* – um instante de esfacelamento da subjetividade, no qual a razão se desestrutura, o controle se perde e somos arrebatados pelo êxtase.

Para Bataille, o erotismo é a aprovação da vida até na morte. É aprovação da vida porque ele permite o flerte com a continuidade, no gozo do excesso em que



transbordamos convulsivamente a nós mesmos, mas ao mesmo tempo permite uma momentânea dissolução da nossa descontinuidade na violência do excesso, onde a racionalidade nada comanda. " L'érotisme, par ailleurs, est l'expérience d'une sortie hors de soi dont les états limites avoisinent la mort." (Sasso, 1978, p.127)

Como experiência interior, o erotismo coloca nosso ser em jogo, sendo o que, "na consciência do homem, [...] coloca o ser em questão." (Bataille, 2013, p. 53) Ou seja, o erotismo exerce a função de uma interrogação suprema em relação ao ser, em que um desequilíbrio é inserido na ordem das coisas na qual o homem -- como descontínuo -- está habituado a viver.

Além disto, o erotismo coloca em jogo a vida interior, sendo distinto do mundo das coisas, no qual a instrumentalidade e a teleologia imperam, subordinando toda existência a um fim. Imprescindível também é notar que, na atividade erótica, nos vemos às voltas com a desordem e o caos embrionário. Aí imersos, abrimos a possibilidade de um instante de continuidade do ser, no qual fugimos momentaneamente da nossa prisão subjetiva que nos fecha em nossa descontinuidade, tal como seres que não conseguem se comunicar plenamente pela escarpa que existe entre suas experiências particulares, como a morte, experiência individual que só concerne a quem morreu.

De fato, a morte tem o violento poder de extirpar a duração de toda descontinuidade, tirando o ser da ordem das coisas, pois ela sempre se safa desta ordem, visto que ela não pode ser compreendida neste mundo coerente e claro. Com a percepção da proximidade entre vida e morte, do titubear do ser entre um pólo e outro, podemos entender que é justamente aí onde o ser se dá, nos movimentos de paixão que buscam a inserção da continuidade no mundo descontínuo, proporcionado por atividades como a erótica e que nos permite a apreciação de que a vida é acesso ao ser. Desta maneira, Bataille nos diz que

*toda a operação do erotismo tem por fim atingir o ser no mais íntimo, no ponto em que o coração desfalece. A passagem do estado normal ao de desejo erótico supõe em nós a dissolução relativa do ser constituído na ordem descontínua. (Bataille, 2013, p. 41)*

Essa asserção demonstra a operação destrutiva que ocorre na atividade erótica em relação à estrutura do ser fechado, violentando a unidade fixa que exprime a particularidade do ser.

Assim, ele acredita que há uma espécie de nostalgia da continuidade que surge nesses momentos pertencentes ao domínio de um sagrado que não é cristão -- o qual só pode



ser alcançado via transgressão. A corporeidade que aparece tanto no erotismo como no sacrifício – onde o corpo é imolado para alcançar o sagrado da divindade e permitir esse vislumbre de contato ao corpo social – é uma corporeidade que foge e é contrária ao antropocentrismo, pois o que é de mais próprio nela é sua própria dissolução.

Pensando a relação entre o informe e a continuidade, podemos nos centrar na dupla ordem de sedução. Esse conceito perdura desde os artigos da *Documents* até o fim da obra de Bataille e coloca em evidência a obtusa relação entre desejo e asco. Ele nos mostra a proximidade entre o medo do informe – que, como a continuidade, representa a permanência da morte – e o desejo, o fetiche que as figuras que se distanciam do ideal da imagem humana e se aproximam do abjeto suscitam.

*les deux ordres de séduction sont souvent confondus parce qu'on s'agite continuellement de l'un à l'autre et qu'étant donné ce mouvement de va-et-vient, qu'elle ait son terme dans un sens ou dans l'autre, la séduction est d'autant plus vive que le mouvement est plus brutal. (Bataille, 1968, p. 82)*

Duas facetas da construção da corporeidade são evidenciadas aqui: uma é o corpo entendido a partir de uma noção de ideal, que remete à figura humana como feita à imagem e semelhança de Deus, onde nossa cabeça – morada da racionalidade – ascende aos céus, o alto como a proximidade com a divindade; e a outra é o desejo que nos é estranho, pois suscita tanto ojeriza como fascinação.

Ou seja, temos uma transgressão da noção de corporeidade a partir da semelhança pelo excesso. O abjeto nos suscita o que é excessivo e perverte a assepsia do ideal, e deixa à mostra a decomposição que habita todo corpo. A noção de que a morte abriga a própria forma aparece já no texto “A Linguagem das Flores”, quando Bataille nos diz que “l’amour a l’odeur de la mort” (Bataille, 1968, p. 49). Com isto, ele afirma que, de fato, o desejo não é necessariamente ligado à concepção da beleza ideal e serve, às vezes, para macular a beleza que se dá como um limite ou imperativo categórico.

Seguindo a análise de Didi-Huberman (2015), que nos diz que o informe habita toda a forma, entendido como uma abertura, e não uma negação da forma, podemos entrever a inversão valorativa das ordens do corpo que Bataille vai realizar, alternando a idealidade e a sordidez. Ele faz isso em diversos artigos da revista *Documents*, mas os que mais nos interessam são os que dizem respeito à corporeidade, no caso “A boca” e “O dedão do pé”.



O verbete do Dedão do pé faz uma crítica à idealidade da forma ao dizer que o que é mais essencial ao homem, o que é mais característico de sua espécie, é justamente o dedão do pé. Enquanto nos gabamos de nossa racionalidade, do tamanho de nosso cérebro e de nosso andar ereto, que se erige em direção aos céus; nossa característica mais notória se dá justamente na parte do nosso corpo que é mais desprezada, por nos parecer grotesca e sempre estar perto da sujeira, das raízes e do chão – local de que mais almejamos nos afastar – justamente o dedão do pé.

le gros orteil est la partie la plus humaine du corps humain, en ce sens qu'aucun autre élément de ce corps n'est aussi différencié de l'élément correspondant du singe anthropoïde (chimpanzé, gorille, orang-outang ou gibbon<sup>30</sup>.) (Bataille, 1968, p. 75)

Esta declaração é extremamente forte e quebra os paradigmas que relacionam a figura humana à parte que representaria, em maior grau, a razão, no caso a cabeça. Pensando na ideia do dedão como a base que proporciona a ereção do corpo humano, esta ideia demonstra como a vida humana é usualmente compreendida a partir desse aspecto no qual a elevação é almejada e como o que fica relacionado com o chão e a baixeza é tido como um “escarro” -- o dedão do pé é o que fica em contato com a terra, o barro, a sujeira. Isto remonta à ideia, tratada em *A linguagem das flores*, de como ligamos qualidades relacionadas à natureza a valores humanos e divinos, em que a aspiração por elevação por parte do homem se conecta a uma valoração da nossa própria constituição corporal em relação à natureza. O dedão do pé, compreendido por Bataille como a parte mais humana do corpo, é entendido, costumeiramente, como associado ao barro e, por conseguinte, à escuridão, como um princípio do mal, em contraposição à luz celeste, que seria o princípio do bem relacionado à elevação, à cabeça e à razão.

No entanto, a própria vida humana sabe que o movimento de elevação é revestido de um vai-e-volta e que a elevação que visa ao etéreo e ao divino nunca é alcançada e sempre retorna para a baixeza terrestre, para a torpeza da qual o dedão do pé é representante e da qual a humanidade quer ao máximo se distanciar. Sobre a relação da humanidade com o dedão do pé, Bataille relata casos de mutilação que almejavam uma determinada forma ideal para os pés, além de mencionar o pudor pelo qual a visão do pé era velada e, ao mesmo tempo, acompanhada por um fetichismo, trazendo consigo a presença concomitante do asco e da sedução. Bataille declara que o prazer de tocar o pé, de se aproximar ao que deve ficar velado vem do fetiche de se estar justamente próximo à fealdade, à baixeza. A vontade de estar junto ao baixo apresenta



uma faceta oculta do desejo, que Bataille faz questão de explicitar ao propor as duas ordens de sedução:

*C'est là subir une séduction qui s'oppose radicalement à celle que causent la lumière et la beauté ideale. (...) Dans le cas du gros orteil, le fétichisme classique du pied aboutissant au lèchement des doigts indique catégoriquement qu'il s'agit de basse séduction, ce qui rend compte d'une valeur burlesque qui s'attache toujours plus ou moins aux plaisirs réprouvés par ceux des hommes dont l'esprit est pur et superficiel. (Bataille, 1968, p. 82).*

Dentre os documentos, um que também versa sobre a interpenetração entre a baixeza e o ideal é A boca. Neste pequeno texto, presente no Dicionário Crítico, Bataille aponta a íntima relação entre o sublime e o abjeto que existe em um órgão que serve como proclamador da razão e, ao mesmo tempo, faz parte de um tubo excretor. Ele nos diz que a boca simboliza um aspecto selvagem nos animais e que, em nós humanos, passou a desempenhar uma função diferente, mesmo sendo ainda signo bestial de ira e sofrimento.

*De maneira mais geral, o que todas essas contra-'Figuras humanas' disseminadas em profusão nas páginas de Documents buscavam era modificar o estatuto ontológico e intersubjetivo dessa 'humanidade' secularmente pensada a partir do elemento mítico da semelhança divina. A humanidade demasiado humana que, na esteira de Nietzsche, Georges Bataille reivindicava devia, portanto, cessar de uma vez por todas de se definir segundo a hierarquia de um modelo divino - aquele cuja 'suma' Santo Tomás tão bem estabeleceu -, e tentar a partir de então experimentar a si mesma num jogo de confrontações violentas com a alteridade em geral, ou de acessões violentas a essa alteridade, quer estivesse 'além' ou 'aquém', quer fosse 'extática' ou 'bestial'. (Didi Huberman, 2015, p.108)*

## Conclusão

Pensar o corpo a partir da dissolução da forma, com o movimento em que a forma se transforma de uma representação do ideal para uma baixeza ignóbil dá margem a uma construção teórica que se relaciona com as mais diversas manifestações.

A descida do homem europeu moderno de seu patamar ontológico que passa a ocorrer após a apreensão de que o abjeto faz parte de seu desejo e de sua constituição é importante para entendermos novas formas de subjetividades, corporeidades que não são pautadas pela dicotomia natureza-cultura e que não se colocam no mundo de maneira predatória, e sim tentam entender-se como parte de uma imanência na qual o



excesso nunca pode ser subjugado à vontade de dominação da racionalidade instrumental.

### Referências bibliográficas

Bataille, G. A parte maldita, precedida de “A noção de dispêndio”. Tradução: Júlio Castañon Guimarães. 2. ed. rev. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

\_\_\_\_\_. Documents. Tradução: João Camillo Penna e Marcelo Jacques de Moraes. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018.

\_\_\_\_\_. Documents. Paris: Mercure de France, 1968

\_\_\_\_\_. O erotismo. Tradução: Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

Didi-Huberman, G. A semelhança informe: ou o gaio saber visual segundo Georges Bataille. Tradução: Caio Meira, Fernando Scheibe. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.

Sasso, R. Georges Bataille: le système du non-savoir - Une ontologie du jeu. Paris: Les Éditions de Minuit, 1978